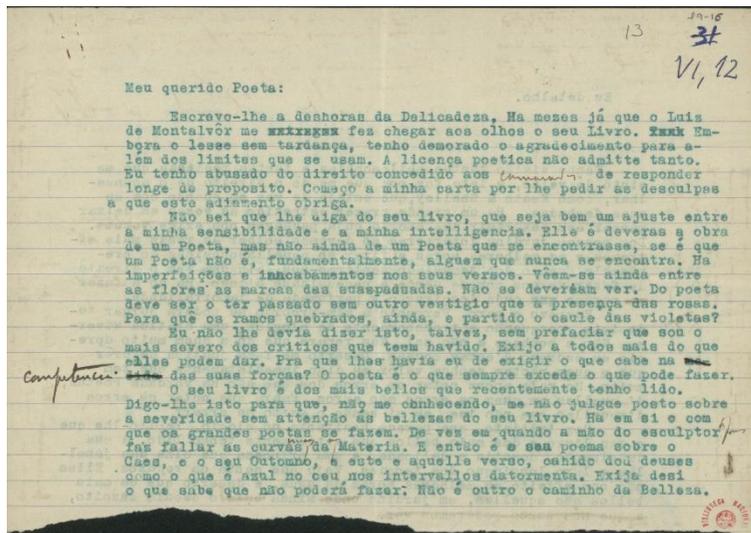


BNP/E3, 19 - 16^o

Transcrição



Meu querido Poeta:

Escrevo-lhe a deshoras da Delicadeza. Ha mezes já que o Luiz de Montalvôr me ~~entregou~~ fez chegar aos olhos o seu Livro. ~~Tenho~~ Embora o lesse sem tardança, tenho demorado o agradecimento para além dos limites que se usam. A licença poetica não admite tanto. Eu tenho abusado do direito concedido aos ~~de responder~~ de responder longe de proposito. Começo a minha carta por lhe pedir as desculpas a que este adiamento obriga.

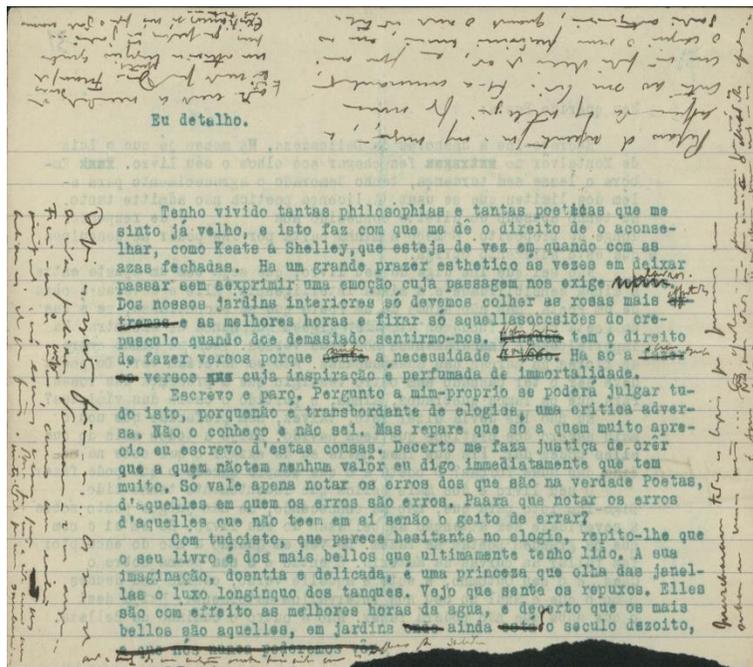
Não sei que lhe diga do seu livro, que seja bem um ajuste entre a minha sensibilidade e a minha intelligencia. Elle é deveras a obra de um Poeta, mas não ainda de um Poeta que se encontrasse, se é que um Poeta não é, fundamentalmente, alguém que nunca se encontra. Ha imperfeições e inacabamentos nos seus versos. Vêem-se ainda entre as flores as marcas das suas passadas. Não se deveriam ver. Do poeta deve ser o ter passado sem outro vestigio que a presença das rosas. Para qué os ramos quebrados, ainda, e partido o caule das violetas?

Eu não lhe devia dizer isto, talvez, sem prefaciár que sou o mais severo dos criticos que tem havido. Exijo a todos mais do que elles podem dar. Pra que lhes havia eu de exigir o que cabe na ~~medida~~ competência das suas forças? O poeta é o que sempre excede o que pode fazer?

O seu livro é dos mais bellos que recentemente tenho lido. Digo-lhe isto para que, não me conhecendo, me não julgue posto sobre a severidade sem attenção ás bellezas do seu livro. Ha em si e com que os grandes poetas se fazem. De vez em quando a mão do esculptor faz fallar as curvas da Materia. E então é o seu poema sobre o Caes, e o seu Outomno ^{/mnaes\}, e ^{/seu\} este e aquelle verso, cahido dos deuses como o que é azul no ceu nos intervallos da tormenta. Exija de si o que sabe que não poderá fazer. Não é outro o caminho da Belleza.

BNP/E3, 19 - 16v

Transcrição



Eu detalho.

Tenho vivido tantas philosophias e tantas poeticas que me sinto já velho, e isto faz com que me dê o direito de o aconselhar, como Keats a Shelley, que esteja de vez em quando com as azas fechadas. Ha um grande prazer estheticos ás vezes em deixar passar sem a exprimir uma emoção cuja passagem exige ~~versos~~ palavras. Dos nossos jardins interiores só devemos colher as rosas mais ~~extremas~~ affastadas e as melhores horas e fixar só aquellas occasiões de crepusculo quando doe demasiado sentirmo-nos. ~~Ninguem~~ Nenhum poeta tem o direito de fazer versos porque ~~sente~~ sinto a necessidade ~~d'isso~~ de o fazer. Ha só a ~~fazer-os~~ fazer e crear aquelles versos ~~que~~ cuja inspiração é perfumada de immortalidade.

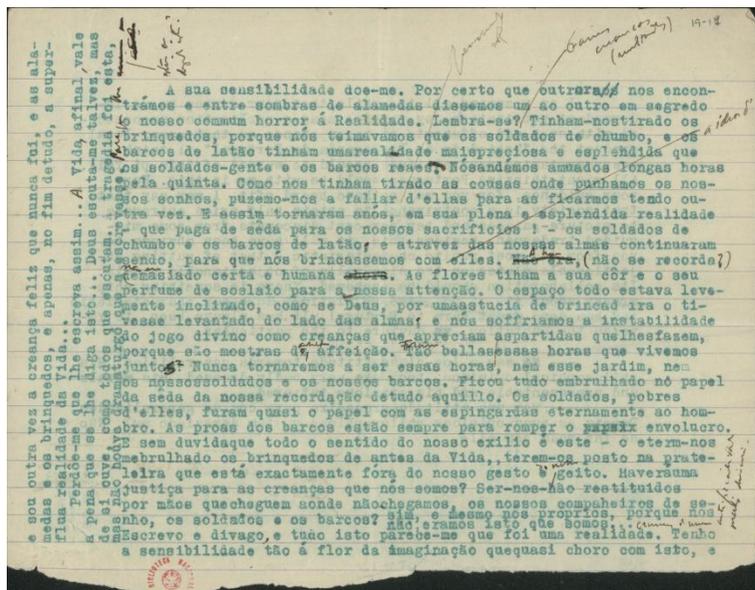
Escrevo e paro. Pergunto a mim-proprío se poderá julgar tudo isto, porque não é transbordante de elogios, uma critica adversa. Não o conheço e não sei. Mas repare que só a quem muito aprecio eu escrevo d'estas cousas. Decerto me faz a justiça de crêr que a quem não tem nenhum valôr eu digo immediatamente que tem muito. Só vale a pena notar os erros dos que são na verdade Poetas, d'aquelles em quem os erros são erros. Para que notar os erros d'aquelles que não teem em si senão o geito de errar?

Com tudo isto, que parece hesitante no elogio, repito-lhe que o seu livro é dos mais bellos que ultimamente tenho lido. A sua imaginação, doentia e delicada, é uma princeza que olha das janellas o luxo longinquo dos tanques. Vejo que sente os repuxos. Elles são com effeito as melhores horas da agua, e decerto que os mais bellos são aquelles, em jardins ~~onde~~ ainda ~~está~~ do seculo dezoito, ~~e que nós nunca poderemos vêr.~~

[Murcharam todos os lyrios que pensamos em sonhar nos nossos versos... As opalas... Choraram por nós as /Mas /Ora', como dados não foram nunca o olhar das\ /E agora como as [...] já não choram - Lembramos nós - as\ opalas.

Reparo de repente que a minha imaginação, a esfera da minha intelligencia faz uma critica ao seu livro. Fêl-a ammalmente, como não podia deixar de ser, e porque assim o exigiu o nosso preciosissimo convivio, em um jardim antiquissimo, quando o mundo não tinha ainda creado a necessidade de ser /ter sido\ creado por Deus. Foram de veras de um atheismo lyrico /espiritual\ aquellas horas que perdemos em /no\ jardim. Existiamos só nós porque o jardim eramos nós todos...

Depois os registos fôram-se... Os sons da sua vida prolixa demoram-me no sangue... Ficou-me a vida /o corpo\, como um exilio inevitavel, e nós escrevemos versos que nos lembram isso de que fômos. Passa por nós a vida com uma inutilidade por uma sonolencia...]

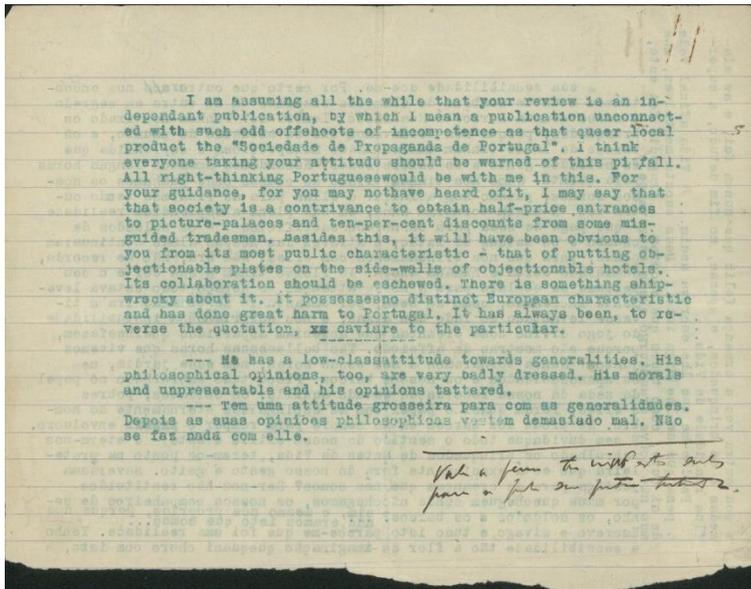


A sua sensibilidade doe-me. Por certo que outrora ~~es~~ nos encontrámos e entre sombras de alamedas dissemos um ao outro em segredo o nosso commum horror á Realidade. Lembra-se? Eramos creanças (semelhantes) \

Tinham-nos tirado os brinquedos, porque nós teimavamos que os soldados de chumbo, e os barcos de latão tinham uma realidade mais preciosa e esplendida que os soldados-gente e os barcos reaes. Nós andámos amuados longas horas pela quinta. Como nos tinham tirado as cousas onde punhamos os nossos sonhos, puzemo-nos a fallar pensando d'ellas para as ficarmos tendo outra vez. E assim tornaram a nós, em sua plena e esplendida realidade - que paga a sêda para os nossos sacrificios! - os soldados de chumbo e os barcos de latão; e atravez das nossas almas continuaram sendo, para que nós brincassemos com a idea d'elles. Não era, A hora (não se recorda?) nos era demasiado certa e humana a hora. As flores tinham a sua côr e o seu perfume de soslaio para a nossa attenção. O espaço todo estava levemente inclinado, como se Deus, por uma astucia de brincadeira o tivesse levantado do lado das almas; e nós soffriamos a instabilidade do jogo divino como creanças que apreciam as partidas que lhes fazem, porque são mostras de concebida afeição. Tão bellas (Foram) bellas essas horas que vivemos juntos. Nunca tornaremos a ser essas horas, nem esse jardim, nem os nossos soldados e os nossos barcos. Ficou tudo embrulhado no papel de sêda da nossa recordação de tudo aquillo. Os soldados, pobres d'elles, furam quasi o papel com as espingardas eternamente ao hombro. As proas dos barcos estão sempre para romper o papel envolucro. E sem duvida que todo o sentido do nosso exilio é este - o terem-nos embrulhado os brinquedos de antes da vida, terem-nos posto na prateleira que está exactamente fóra do nosso gesto e do nosso gesto. Haverá uma justiça para as creanças que nós somos? Ser-nos-hão restituídos por mãos que cheguem aonde não chegamos, os nossos companheiros de sonho, os soldados e os barcos? Sim, e mesmo nos proprios, porque nós não eramos isto que somos... Eramos de uma artificialidade mais divina... Escrevo e divago, e tudo isto parece-me que foi uma realidade. Tenho a sensibilidade tão á flor da imaginação que quasi choro com isto, e sou outra vez a creança feliz que nunca fui, e as alamedas e os brinquedos, e apenas, no fim de tudo, a superflua realidade da Vida...

Perdõe-me que lhe escreva assim... A vida, afinal, vale a pena que se lhe diga isto... Deus escuta-me talvez, mas de si ouve, como todos que escutam. A tragedia foi esta, mas não houve dramaturgo que a escrevesse. Para que lhe escrevo eu isto? estive eu dizendo isto?

BNP/E3, 19 - 17v



Transcrição

I am assuming all the while that your review is an independant publication, by which I mean a publication unconnected with such odd offshoots of incompetence as that queer local product the "Sociedade de Propaganda de Portugal". I think everyone taking your attitude should be warned of this pitfall. All right-thinking Portuguese would be with me in this. For your guidance, for you may not have heard of it, I may say that that society is a contrivance to obtain half-price entrances to picture-palaces and ten-per-cent discounts from some misguided tradesmen. Besides this, it will have been obvious to you from its most public characteristics - that of putting objectionable plates on the side-walls of objectionable hotels. Its collaboration should be eschewed. There is something shipwreck about it. It possesses no distinct European characteristic and has done great harm to Portugal. It has always been, to reverse que quotation, ~~ve~~ caviare to the particular.

--- He has a low-class attitude towards generalities. His philosophical opinions, too, are very badly dressed. His morals and unrepresentable and his opinions tattered.

--- Tem uma attitude grosseira para com as generalidades. Depois as suas opiniões filosoficas vestem demasiado mal. Não se faz nada com elle.

|*Vale a penas ter crido estes sonhos para se poder ser outra tentativa. |

DIREITOS ASSOCIADOS

O trabalho MODERNISMO - Arquivo Virtual da Geração de Orpheu de <https://modernismo.pt/> está licenciado com uma Licença [Creative Commons - Atribuição-NãoComercial-CompartilhaIgual 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/).